



## OS QUINTAIS URBANOS AFRO-BRASILEIROS: UMA DISCUSSÃO SOBRE PATRIMÔNIO CULTURAL

### AFRO-BRAZILIAN URBAN BACKYARDS: A DISCUSSION ABOUT CULTURAL HERITAGE

**Mirian Pollyana Vitalino Sudre\***

Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE

 <https://orcid.org/0000-0002-1530-2875>

[mirian.vitalino@gmail.com](mailto:mirian.vitalino@gmail.com)

**Mariluci Neis Carelli\*\***

Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE

 <https://orcid.org/0000-0002-0107-383X>

[mariluci.carelli@gmail.com](mailto:mariluci.carelli@gmail.com)

**Roberta Barros Meira\*\*\***

Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE

 <http://orcid.org/0000-0001-7739-216X>

[rbmeira@gmail.com](mailto:rbmeira@gmail.com)

---

\* Possui graduação em Psicologia pela Universidade da Região de Joinville - Univille/2019, CRP 12/18388. É mestranda em Patrimônio Cultural e Sociedade pela Univille.

\*\* Professora titular da Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE e docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade - PPGPCS, na Linha de Pesquisa Patrimônio, Ambiente e Desenvolvimento Sustentável. Atua na graduação como docente de Sociologia e Gestão Ambiental nos Cursos de Psicologia e Administração.

\*\*\* Doutorado em História Econômica pela Universidade de São Paulo. Docente do curso de História e do Programa em Patrimônio Cultural e Sociedade e do Departamento de História da Universidade da Região de Joinville - Univille.

**RESUMO:** Os quintais são espaços presentes nas casas brasileiras em diversos contextos históricos. É nos quintais que os saberes tradicionais circulam e se configuram enquanto patrimônio cultural. O presente artigo pretende discutir as pesquisas sobre quintais urbanos afro-brasileiros enquanto patrimônio cultural. Pela metodologia da arte, são apresentados os resultados encontrados nas bases de dados do Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), da Biblioteca Eletrônica Científica Online (SciElo) e do Scopus. Conclui-se, os quintais que resistem frente ao modelo estruturado da sociedade industrial, são lugares das vivências, das memórias, dos saberes e das práticas de diferentes povos, supõe espaços vivos das cidades.

**PALAVRAS-CHAVE:** Quintais urbanos afro-brasileiros; Patrimônio cultural; saberes tradicionais.

**Abstract:** Backyards are spaces present in Brazilian homes in different historical contexts. In backyards, traditional knowledge circulates and is configured as cultural heritage. This article intends to present an investigation on Afro-Brazilian urban backyards as cultural heritage. Through the art methodology, we exhibit the results found in the databases of the Portal of Periodicals of the Higher-Level Improvement Coordination (CAPES), CAPES Theses and Dissertations Catalog, Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD), Scientific Electronic Library Online (SciElo), and Scopus.

**Keywords:** Afro-Brazilian urban backyards; cultural heritage; traditional knowledge.

## INTRODUÇÃO

O termo *patrimônio* pode ser compreendido como heranças recebidas do pai ou ascendentes que fazem alusão às memórias e lembranças desses povos, grupos sociais e/ou sujeito. A preservação desse bem pela população se dá com base nos sentidos a ele atribuídos e com o vínculo estabelecido pela identidade cultural dessas pessoas. O que garante a permanência dessa relação entre o objeto e os sujeitos são as memórias. A memória tem o efeito de aproximar as gerações e o tempo corrente, estabelecendo entre eles um vínculo afetivo, permitindo que os sujeitos se sintam atores da história e portadores de uma identidade cultural (PELEGRINI, 2006). As vivências, os saberes produzidos nos quintais transmitidos entre as gerações e os costumes ali preservados (CUNHA JÚNIOR; SOUZA; SOUZA, 2020), por meio das lembranças, são o que justifica pensar o quintal enquanto patrimônio cultural. Releva notar que a discussão sobre a agricultura, que perpassa os espaços urbanos, pode auxiliar na compreensão das ideias, práticas e sensibilidades que servem como estratégias de ação para

minimizar a degradação ambiental pela preservação dos espaços e das memórias verdes (BRAILOVSKY; FOGUELMAN, 1991) entrelaçados às casas e às ruas das cidades.

A expressão *quintal* dispõe de algumas interpretações. Etimologicamente, o vocábulo vem da redução do termo *quinta*, expressão portuguesa conferida às propriedades de atividades hortigranjeiras (AZEVEDO, 2014). Além da produção alimentar, os quintais são conhecidos por garantirem embelezamento às áreas externas das residências (TROTTA *et al.*, 2012), função conferida também ao jardim. Na lógica de apropriação popular, jardins e quintais aproximam-se muito em seus aspectos e funções. Sendo assim, muitas vezes se confundem (AZEVEDO, 2014). Ainda que muito parecidos, os jardins são conceituados como terrenos à frente da casa com apresentação mais embelezadora, diferentemente do restante do terreiro, cujo embelezamento é constituído de plantas ornamentais e com frequência de árvores para sombreamento (GUARIM NETO; CAMPOS, 2017).

No contexto histórico, os quintais eram espaços já valorizados no período colonial, quando as casas eram construídas em uma porção pequena da terra e ao quintal era destinada a porção maior, normalmente localizada ao fundo das residências. Nessa configuração a imagem da casa era marcada com sua fachada, e os espaços atrás eram valorizados pelo seu tamanho e sua dimensão, denominados quintais, em geral arborizados e em áreas livres. Seus usos estavam ligados à subsistência das famílias e a práticas de convívio familiar (REIS, 2015).

Em 1736, uma carta real previa que todas as residências passariam a ser construídas, garantindo um espaço exclusivo para os quintais. Esse manifesto tornou-se a primeira base legal para o uso de terras no país (REIS, 2015). A partir de 1850, com a implementação da Lei da Terra, imposta pela família real, os terrenos passaram a ser mais valorados, o que permitiu a mercantilização de terras e, conseqüentemente, a criação de bairros. Nessa conjuntura, as cidades

ganhavam novas tipologias arquitetônicas. Com isso, os terrenos foram reduzidos, e as camadas menos favorecidas passaram a perder os espaços que dedicavam aos seus quintais (ALMADA; SOUZA, 2017).

Com a mercantilização das terras, a população pobre perdeu seus espaços, e as classes mais altas favoreceram-se desse movimento para ampliar as áreas embelezadas de seus jardins. Agora, a elite passou a ter residências ainda mais ornamentadas, garantindo olhares atraídos pelos elementos naturais e de forte valor decorativo (AZEVEDO, 2014). Keith Thomas (2010) destaca a valorização das plantas exóticas e estrangeiras na Europa principalmente após o período da Revolução Industrial. A urbanização e a degradação ambiental urbana valorizaram em parte a natureza, mas conforme modelos de arborização urbana elitizados, marcados por jardins, alamedas e aleias. Seguindo o mesmo movimento, o Brasil passou por um processo de valorização dos jardins urbanos afrancesados. Esse processo de europeização impactou os quintais e acelerou a substituição de plantas como o alecrim e a malva-cheirosa por variedades exóticas e ornamentais notadamente nos bairros nobres das cidades. Seriam os bairros mais pobres que conservariam as plantas nativas, africanas, europeias ou asiáticas utilizadas na medicina popular e na alimentação (FREYRE, 2003).

Além do provento familiar, os quintais eram e ainda são vistos como espaços ricos em saberes populares, de maneira especial os conhecimentos das plantas de uso medicinal por algumas comunidades na cura das suas enfermidades. De acordo com Guarim Neto e Campos (2017), esses conhecimentos populares ainda atendem a diferentes populações, sobretudo aquelas que vivem em locais de difícil acesso à assistência médica, onde os únicos remédios possíveis de encontrar são as plantas medicinais. Conforme apontam Almada e Souza (2017), os quintais, em geral, são enriquecidos do cultivo das mais diferentes espécies – alimentícias, medicinais, ornamentais – e se destacam como locais privilegiados de autonomia, resistência, lazer,

encontros, saberes e memórias, revelando-se como um verdadeiro patrimônio biocultural.

Esses espaços declaram por intermédio de diversas concepções modos, histórias, vivências e atuações de diferentes povos. Africanos escravizados que vieram para o Brasil trouxeram consigo inúmeras espécies de plantas oriundas da África para serem plantadas nas terras brasileiras e, com elas, o conhecimento e as práticas africanas que contribuíram para o desenvolvimento do Brasil e a formação da cultura brasileira. Esses plantios eram para a subsistência da família e ritos religiosos. Além disso, muitas das ervas tinham propriedades medicinais que eram, por vezes, o único meio para tratamento de suas enfermidades (CUNHA JÚNIOR; SOUZA; SOUZA, 2020). Muitas plantas e espécies como o inhame e o quiabo se adaptaram bem aos solos brasileiros e passaram a ser consideradas nativas do Brasil (ALMEIDA, 2011). Outras plantas de propriedades medicinais que também foram trazidas pelos africanos são: *Momordica charantia*, *Hibiscus sabdariffa* e *Cannabis* (CARNEY; ACEVEDO, 2017).

As práticas culturais mantidas nos quintais, os conhecimentos no manejo das diversas espécies e o peso dos costumes dos povos africanos no país reiteram a significância do quintal enquanto um patrimônio declaradamente afro-brasileiro, pois ainda se mantêm cultivados até a atualidade os saberes de origem africana aplicados desde o período colonial (CUNHA JÚNIOR; SOUZA; SOUZA, 2020). Cunha Júnior, Souza e Souza (2020) apontam que é no quintal que se consolidam as memórias, as histórias, o acervo de conhecimento e as práticas culturais que constituem os patrimônios material e imaterial da população negra.

Com base na metodologia de pesquisa estado da arte, buscou-se analisar a seguinte problemática: quais são as produções acadêmicas publicadas sobre quintais urbanos afro-brasileiros? Por meio dessa indagação, tem-se como objetivo analisar o conhecimento produzido sobre o tema, bem como identificar

as principais referências teóricas que fundamentam esses trabalhos e as preferências metodológicas dos autores.

Segundo Ferreira (2002), os desafios de aprofundar os conhecimentos já produzidos sobre determinado tema, dar conta de um saber que cresce exponencialmente e divulgá-lo à sociedade são alguns dos motivadores que suscitam pesquisadores a investirem esforços nas pesquisas do estado da arte ou estado do conhecimento.

O estado da arte tem como propostas eleger e caracterizar produções acadêmico-científicas em certa área do conhecimento considerando sua origem, gêneros publicados, período de publicação, entre outros e, com base nisso, fazer uma sistematização das produções investigadas (SANTOS *et al.*, 2020). Mesmo entendido como de natureza exclusivamente bibliográfica, o estado da arte permite que as pesquisas sejam avaliadas e discutidas de formas quantitativa e qualitativa, a primeira quando no levantamento numérico das produções e a segunda na investigação crítico-analítica dos trabalhos (ROSSETTO *et al.*, 2013). O percurso metodológico deste estudo se apoia na avaliação qualitativa de pesquisa de artigos, teses e dissertações que tratam do quintal como patrimônio cultural brasileiro.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estado da arte, assim como outras metodologias de pesquisa, estabelece-se por etapas predefinidas que organizam sua construção, mas flexíveis, consoante à necessidade do pesquisador. A pesquisa seguiu o curso proposto por Santos *et al.* (2020): identificação das fontes de pesquisa, recorte de tempo, identificação dos descritores de busca, levantamento dos materiais – seguido do seu mapeamento, tabulação dos dados do resumo, leitura e síntese preliminar e, por fim, análise e conclusões.

A consulta aos títulos se concentrou em artigos, teses e dissertações publicados entre os anos 2010 e 2021 no idioma português<sup>1</sup>. Na etapa de identificação dos descritores, buscou-se delimitar publicações relacionadas às categorias “quintais afro-brasileiros” e “patrimônio cultural”, combinadas ou não. A construção dos descritores de busca foi baseada na necessidade de levantar publicações que estabelecessem relação entre quintais como patrimônio cultural e quintais considerados afro-brasileiros, já que são os termos mais relevantes nesta pesquisa.

Na investigação dos materiais, optou-se por aplicar todas as etapas do estado da arte, ou seja, registro das publicações, catalogação, leitura e síntese dos temas, separadamente em cada base de pesquisa para, então, fazer-se a apresentação dos conteúdos levantados em cada plataforma, levando-se em conta suas particularidades. As bases de pesquisa utilizadas foram: Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Biblioteca Eletrônica Científica Online (SciElo) e Scopus.

Para o estreitamento das buscas, as conjunções de descritores pesquisados em todas as plataformas que permitiram essas intersecções foram: *quinta\** and “patrimônio cultural”; *quinta\** and “afro-brasileiro”; *quinta\** and “afro-brasileir\*”; e, por fim, “*quinta\** urbano” and “afro-brasileir\*”. O uso do operador booleano *and* propicia que as pesquisas se delimitem apenas entre os termos sugeridos. Os sinais gráficos asterisco (\*) e interrogação (?) possibilitam a busca de diferentes variações dos sufixos, condicionando as buscas por termos no plural e/ou no singular e nos gêneros feminino e masculino. Neste artigo o uso desses sinais levou à busca pelos termos *quintal* e/ou *quintais* e *afro-brasileiro* e/ou *afro-brasileiros*. Já o sinal aspas (“) permite a pesquisa de palavras

<sup>1</sup> No levantamento das obras foram consideradas publicações no idioma português que tratam dos quintais urbanos afro-brasileiros. Nenhuma obra foi publicada, por isso não foi apontada neste artigo.

compostas (BRASIL, 2021). Assim, manteve-se o interesse nos trabalhos que continham as conjunções “afro-brasileiro” e “patrimônio cultural”.

Na plataforma Portal de Periódicos Capes, os acessos são classificados em permitidos, livres ou remotos. O primeiro concede o acesso diretamente nos terminais (biblioteca, laboratório, salas de aula) das instituições registradas no sistema Capes. Nessa condição, o acesso é gratuito e restrito aos usuários vinculados à instituição de ensino. A navegação livre dispensa a condição de ser estudante, contudo as buscas são limitadas apenas às publicações gratuitas. Já a admissão remota permite que pesquisadores de redes de ensino tenham acesso de forma remota ao conteúdo assinado (exclusivo) do portal, ingresso denominado como Comunidade Acadêmica Federada (BRASIL, 2021). Neste trabalho o acesso às pesquisas foi na condição remota, vinculado à Universidade da Região de Joinville (Univille).

O levantamento das publicações feito na plataforma Portal de Periódicos Capes se concentrou nos dias 11 e 12 de abril de 2022. Sendo assim, trabalhos indexados após esse período não foram considerados aqui. O primeiro acesso às pesquisas (rápidas ou avançadas) no Portal de Periódicos Capes exige que o pesquisador aponte um termo de interesse para que então a ampliação das buscas ocorra. A primeira procura partiu da palavra *quintal* no campo “buscar assunto”, mantendo-se a seleção automática sem qualquer classificação, resultando no total de 9.457 trabalhos relacionados a essa temática. Desse levantamento, foram selecionados os artigos por meio da aplicação dos descritores citados em qualquer campo – título, autor/criador e/ou assuntos – seguido da aplicação dos filtros: categoria de material, idioma e data de publicação.

A delimitação desses elementos permitiu o levantamento de 929 publicações, organizadas e apresentadas de acordo com cada descritor. Os termos *quinta\** and “patrimônio cultural” somaram o total de 122 estudos. Destes, oito foram selecionados para leitura, considerados de interesse para a

pesquisa. A combinação dos termos quinta\* *and* “afro-brasileiro” e quinta\* *and* “afro-brasileir\*” resultou em 66 trabalhos, dos quais cinco foram eleitos para leitura.

A base de dados da BDTD, coordenada pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, integra os sistemas de informação de teses e dissertações existentes nas instituições de ensino e pesquisa do Brasil. O repositório permite o acesso aberto às publicações, isto é, dispensa o vínculo com alguma instituição de ensino. As buscas dos títulos foram feitas no prazo de 2 a 15 de maio de 2022. Produções indexadas após esse período não foram avaliadas neste estudo.

Considerando os mesmos critérios de busca – recorte temporal, idioma e descritores –, seguiu-se a pesquisa no BDTD pela opção “busca avançada”. A combinação dos termos quinta? *and* “patrimônio cultural” resultou em 17 trabalhos. Destes, apenas dois permaneceram na lista de leitura. Quando pesquisados os descritores quinta? *and* “afro-brasileiro”, o resultado apontou o total de 21 trabalhos publicados, e mantiveram-se eleitos para a leitura seis títulos.

A base de dados SciElo permite que as pesquisas sejam feitas sem vínculo com instituição de ensino, e seu acesso amplia-se em buscas rápida e avançada. Optou-se por trabalhar com a opção avançada para o refinamento dos títulos. As buscas foram feitas no dia 23 de maio de 2022, e trabalhos indexados após essa data não foram apontados neste estudo. As buscas resultaram em dois estudos encontrados pela combinação dos descritores quinta\* *and* patrimônio cultural, e um foi considerado para a leitura. A junção dos termos quinta\* *and* “afro-brasileiro” não apresentou trabalhos publicados.

A plataforma Scopus confere acesso às publicações para pesquisadores assinantes ou associados a alguma instituição de ensino. As buscas nessa base de dados foram remotas e vinculadas à Univille, feitas no dia 14 de julho de 2022. Publicações após essa data não são apresentadas neste artigo.

Os resultados das buscas foram 14 obras resultantes da combinação quinta *and* “patrimônio cultural”, e uma foi considerada para avaliação. A junção dos termos quinta *and* “afro-brasileiro” resultou em cinco títulos, mas, após avaliados, permaneceu para leitura apenas uma obra. A busca com os termos “quinta\* urbano” *and* “afro-brasileiro” não apresentou publicação.

A seleção primária dos textos foi feita pela leitura do título, seguida da leitura do resumo. Os textos que apresentavam concordância com os objetivos desta pesquisa foram organizados uma única planilha disponível no programa de editores do Google Docs, oferecido pelo Google, nas colunas: autores, título, ano de publicação, instituição de ensino, base de dados, resumo, formação dos autores, palavras-chave, descritores de busca, metodologia abordada e endereço eletrônico. A eleição final dos títulos resultou em seis trabalhos, que são discutidos a seguir.

## OS QUINTAIS URBANOS AFRO-BRASILEIROS: PRODUÇÕES ACADÊMICAS

A expressão ‘quintais urbanos afro-brasileiros’ apresenta diferentes interpretações e conceitos. Neste estudo, optou-se por considerar os estudos que a definem enquanto espaço de promoção de conhecimentos, de transferência de saberes, de atividades de plantio e colheita e demais práticas que dialogam com o patrimônio cultural. Sendo assim, diversas obras foram desconsideradas, em função de se distanciarem dos objetivos deste estudo. A Figura 1 exemplifica como a seleção foi conduzida e os resultados foram encontrados.

**Figura 1.** Número de produções acadêmicas sobre quintais urbanos afro-brasileiros nas bases de dados, 2010-2021



Fonte: Capes - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior; BDTD: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações; SciELO: Biblioteca Eletrônica Científica Online. 2022.

A eleição final dos títulos resultou em seis trabalhos, sendo três artigos e três dissertações. As obras selecionadas são de programas de pós-graduação em Fitotecnia, Estudos Antrópicos na Amazônia, Sustentabilidade na Gestão Ambiental, Geografia, Biologia Vegetal e Ciência Ambiental. As publicações são datadas de 2015, 2016, 2018, 2019 e 2020, tendo 2018 a maior incidência de produção – dois títulos publicados.

Levando-se em conta o recorte temporal proposto nesta pesquisa – 2010 a 2021 –, o levantamento demonstrou-se raso. Os descritores de pesquisa que resultaram nos títulos encontrados foram: *quinta?* and “afro-brasileiro” (2); *quinta\** and “afro-brasileiro” (1); *quinta?* and “patrimônio cultural” (1); e *quinta\** and “patrimônio cultural” (2). As palavras-chave de maior ocorrência foram: etnobotânica (4) e quintais (3), descritos como quintais, quintais urbanos e quintais produtivos. Por fim, duas palavras-chave fizeram alusão às populações quilombolas, descritas como quilombos e memória quilombola. A metodologia de pesquisa de maior interesse entre os autores foi a entrevista semiestruturada (4), seguida da história oral e do questionário semiestruturado. A base de dados que apresentou maior resultado na seleção final foi a BDTD, conforme Quadro 1.

**Quadro 1.** Produções acadêmicas sobre quintais urbanos afro-brasileiros nas bases de dados, 2010-2021: títulos selecionados

Ano	Tipo	Título	Palavras-chave	Base de dados
2015	Artigo	“Diversidade e usos de plantas medicinais nos quintais da comunidade de São João da Várzea em Mossoró, RN”	Etnobotânica; medicina tradicional; medicina caseira	Capes
2016	Dissertação	<i>Policultura no município de Nova Friburgo, RJ: Processo de evolução e relações sociedade-natureza</i>	Policultura; colonização; Nova Friburgo; agroecologia; quintais produtivos	BDTD
2018	Dissertação	<i>Memórias resistentes nos quintais quilombolas de Pilar do Sul</i>	Memórias quilombolas; quintais; Pilar do Sul	BDTD
2018	Artigo	“Conhecimento etnobotânico como patrimônio: Os quintais urbanos nas pequenas cidades do vale histórico paulista”	Agricultura urbana; vulnerabilidade social; desaparecimento de saberes; transmissão do conhecimento; plantas alimentícias	Scopus
2019	Dissertação	<i>Conhecimento etnobotânico de moradores da comunidade quilombola Itaboca, município de Inhangapi, estado do Pará</i>	Etnobotânica; quilombos; Inhangapi (PA); <i>ethnobotany</i>	BDTD
2020	Artigo	“Conhecimento etnobotânico de moradores do sítio histórico de Olinda, patrimônio natural e cultural da humanidade”	Etnobotânica; jardins residenciais; patrimônio imaterial; quintais urbanos	SciELO

Fonte: Capes - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior; BDTD: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações; SciELO: Biblioteca Eletrônica Científica Online. 2022.

A análise e a discussão das publicações selecionadas se pautaram nos conteúdos de maior recorrência entre os/nos títulos. Os conceitos mais citados foram: saberes tradicionais, patrimônio cultural, quintal e população afro-brasileira.

## SABERES TRADICIONAIS

Os termos *saberes tradicionais* e/ou *conhecimentos tradicionais* foram indicados em diversos títulos. As discussões envolveram a aplicação desses conhecimentos nos espaços dos quintais, a manutenção desses saberes e especialmente seu desaparecimento entre as gerações.

Os conhecimentos tradicionais podem ser entendidos como experiências e conhecimentos acumulados por determinado grupo sobre os seus recursos naturais e que são voluntariamente transmitidos com dinamismo, de forma mutável e transgeracional, podendo configurar-se ao longo do tempo de acordo com as necessidades e os interesses das comunidades (BOSCOLO; ROCHA, 2018). As sociedades, os povos ou as comunidades tradicionais partilham estilos de vida particulares, fundados na natureza, com rico conhecimento sobre a natureza, suas práticas de conservação e modos de uso de forma sustentável, respeitando inteiramente sua capacidade de recuperação (BERTOLDI; SPOSATO, 2012).

Das discussões propostas nas obras, a expressão *desaparecimento de saberes* foi a de maior recorrência; os autores descreveram a perda dos saberes em contextos diferentes, mas com a mesma significação. Freitas *et al.* (2015), apoiados pela teoria de Diegues (2008), citam que a tendência à perda dos conhecimentos tradicionais presentes nos quintais está condicionada aos constantes processos de modernização. Haruyama (2004 *apud* RANIERI; ZANIRATO, 2018) justifica que a falência dos saberes está diretamente ligada à dificuldade de se manter as tradições entre as gerações. Uma vez que não são produzidas oportunidades de ensino/aprendizagem de determinado(s) conteúdo(s), a tendência é que se vá perdendo o interesse por essas produções e, conseqüentemente, esse(s) conteúdo(s) desapareça(m).

Outro movimento que favorece a extinção dos conhecimentos tradicionais é o falecimento de gerações que mantêm essas experiências vividas.

Na cultura dos quintais a aplicação dos conhecimentos tradicionais é o que por vezes os mantém ativos; o processo de ensino/aprendizagem e a transmissão dos conhecimentos botânicos dependem na maioria das vezes do convívio com as plantas, pela observação e imitação. Fatores que interferem no contato entre as gerações podem refletir na interrupção dessa transferência de saberes (RANIERI; ZANIRATO, 2018).

Os conhecimentos considerados tradicionais e os demais saberes que circulam nos espaços dos quintais, tais como o uso de plantas medicinais, o manuseio dos solos, o manejo das plantações, são resultantes da forte influência dos povos indígenas e africanos, que contribuíram muito com a medicina tradicional, a cultura e tantas ciências (ALMEIDA, 2011). Nesse sentido, há grande preocupação com o apagamento desses saberes, pois com eles são eliminados traços culturais de grupos que gradativamente vão sendo substituídos por concepções europeias, conforme aponta Silva (2019, p. 21):



[www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br)

Dos povos africanos, além dos conhecimentos medicinais diversas práticas culturais também foram agregadas à cultura brasileira no contexto de histórias de resistência cultural, discriminação étnico-racial e abandono político e social. Se por um lado se constata que o processo de expansão das sociedades contribuiu para assimilações de conhecimentos sobre o poder de cura de determinados vegetais, por outro lado, provocou o desaparecimento de saberes indígenas e de povos africanos em decorrência da desvalorização da cultura desses povos, que paulatinamente foi sendo substituída por concepções europeias.

A autora traduz a perda de conhecimento sobretudo dos povos quilombolas, que muito se beneficiam dos quintais, quando menciona que muitos saberes produzidos por essas comunidades remanescentes ou herdados delas estão ficando adormecidos, ou sendo apagados pela ausência de políticas de reconhecimento e valorização da cultura afro-brasileira. Segundo Boscolo e Rocha (2018), essas concepções estão diretamente ligadas à desvalorização dos conhecimentos tradicionais, que, apesar de gerar e orientar as práticas sociais,

ainda permanecem sem o *status* de ciência. Durante séculos, os saberes produzidos e mantidos por grupos sociais marginalizados são interpretados e veiculados mediante expressões de desvalor como *conhecimento popular* e *conhecimento vulgar*; essa depreciação estabeleceu e favoreceu o distanciamento entre esses saberes e as demais ciências.

O que permite estabelecer diferenças entre os conhecimentos tradicionais e os conhecimentos científicos não é a sua hierarquização, mas sim o fato de os saberes tradicionais não se basearem em teorias do modelo ocidental moderno. A sua construção está pautada nas formas de conhecimento que se orientam por critérios de validade locais – materiais e simbólicos –, que são passíveis às modificações regionais e/ou culturais e que estão relacionadas diretamente aos contextos nos quais são produzidas e veiculadas (BANDEIRA, 2001 *apud* BOSCOLO; ROCHA, 2018).

Ainda que esses conhecimentos estejam assegurados pela jurisdição, conforme proposto no tratado internacional da Convenção sobre Diversidade Biológica 2, que prevê a estreita dependência dos recursos biológicos aos conhecimentos tradicionais quando da sua conservação e do uso sustentável da biodiversidade e responsabiliza os estados a respeitar, preservar e conservar esses saberes, bem como a criar mecanismos para que os benefícios derivados do uso desses conhecimentos sejam partilhados de forma justa, abrangendo nesse sentido um sistema de direitos de propriedade intelectual (BRASIL, 2000), há muito a ser definido quanto à salvaguarda desses conhecimentos.

Bertoldi e Sposato (2012) acredita que os saberes tradicionais associados à biodiversidade se configuram em ricos acervos em perigo de extinção, que devem ser resguardados principalmente em virtude das políticas culturais de viés homogeneizante, da precariedade de recursos estruturais para sua permanência, experiência, reconhecimento e compreensão/identificação pelas novas gerações e sobretudo da recorrente dificuldade da sua transmissão e continuidade, que também perpassam pelos efeitos da globalização cultural.

## PATRIMÔNIO CULTURAL E QUINTAIS

Derivada do latim *pater* (pai), a palavra *patrimônio* remete-se ao sentido de herança. Nas passagens históricas, novas significações e adjetivos foram atribuídos a essa expressão (financeiro, histórico, genético, natural etc.), e acrescentou-se a ela também o conceito utilizado hoje patrimônio cultural (CHAGAS, 2008). Na interpretação de Chagas (2008), a expressão *patrimônio cultural* está relacionada a um conjunto de bens tangíveis, intangíveis e naturais que dispõe de saberes e práticas valorados e de interesse de transmissão de uma época a outra ou entre gerações.

A expressão *patrimônio cultural* foi indicada em três dos seis estudos, e as referências foram alusivas aos objetos de estudo dos seus autores. Nos trabalhos sobre etnobotânica, os autores citam que os conhecimentos e as práticas de inúmeras comunidades acerca dos recursos naturais constituem um valor de patrimônio cultural característico do modo de vida de dada localidade (SILVA, 2019). Essa concepção é validada por Ranieri e Zanirato (2018), quando afirmam que os conhecimentos botânicos, repassados entre as gerações, cultivados enquanto práticas culturais e valorados pela história, pela memória, pela proteção dos modos de manejo, colheita, plantio, pelo reconhecimento das diferentes plantas, pelas formas do seu uso – alimentar ou medicamentosa – são tidos como patrimônio cultural.

Além disso, o conjunto de experiências e saberes sobre o cultivo das plantas, seus usos e finalidades é considerado patrimônio vivido, sentido, transmitido (não necessariamente ativado) de grupos que ainda mantêm seus quintais. Esse saber, tido como patrimônio, considera nessa definição as dimensões natural e cultural e a incorporação não só dos saberes, mas de plantas, suas formas, seu manejo e onde se manifestam – os quintais.

Ainda que dinâmicos, os quintais estão sujeitos a alterações e usos que não de outros espaços como jardins e hortas. A desconfiguração dos quintais ou o fim das suas atividades de cultivo podem impactar a continuidade da prática do plantio de plantas e de conhecimentos sobre suas finalidades, visto que os quintais “servem para manter o conhecimento de variedades e usos da diversidade cultural vivos, de geração a geração” (WATSON; EYZAGUIRRE, 2002 *apud* RANIERI; ZANIRATO, 2018).

A desconfiguração citada pode estar relacionada diretamente ao aumento abrupto da urbanização, colocando os quintais em movimentos de (re)existência e na aposta de uma reformulação do modo de ser quintal. A insistente presença desses espaços confronta as práticas urbanistas, que impõem um novo modelo arquitetônico, linear, imediatista e civilizado. As metodologias dos novos quintais ainda carregam suas tradições, memórias e vivências recebidas das gerações anteriores. Ainda que (re)existindo, há quintais que mantêm vivos em suas tradições costumes familiares e que preservam e expressam os saberes entre seus pares. Esse movimento, segundo Santos e Andrade (2020), é o que enriquece as paisagens urbanas e contribui com elas.

Almada e Souza (2017) enriquecem o entendimento sobre o quintal no contexto da urbanização quando relatam que, em maior ou menor grau, ainda que as tendências do espaço urbano sejam a verticalização dos edifícios, a pavimentação dos quintais ainda existentes e a impermeabilização das cidades, os quintais nesses espaços se modificam e resistem, agora com diferentes sentidos, formatos e utilidades, mantendo-se como importantes espaços de convivência, histórias, serviços e cultivos. Nesse contexto, o conhecimento sobre as plantas, de maneira especial as usadas para alimentação e medicamento, é um saber fundamental e rico para a sobrevivência humana. Esse patrimônio imaterial vem se perdendo diante dos recorrentes processos de globalização e urbanização (NEHME *et al.*, 2020).

Quanto ao conceito do termo *quintal*, as obras que apresentam seu significado o conceituam como: “Uma área de produção localizada perto da casa, onde são cultivadas espécies agrícolas e florestais, e são criados pequenos animais domésticos” (KUMAR; NAIR, 2004 *apud* FREITAS *et al.*, 2015, p. 846). Gabriela Paixão (2018, p. 28), em sua dissertação, apoia-se no conceito sobre quintal dos estudiosos Fernandes e Nair (2016):

Sistemas de uso da terra que envolvem o manejo deliberado de árvores e arbustos polivalentes em associação íntima com culturas agrícolas anuais e perenes e, invariavelmente, gado, compondo o complexo de uma propriedade familiar, sendo toda a unidade safra-árvore-animal administrada intensamente pela família.

Na concepção de Silva (2004), o quintal é uma porção de terra disposta no fundo das casas com funções variadas. O autor teve o cuidado de diferenciar os termos *quintal* e *jardim*, uma vez que ambos apresentam características muito semelhantes. Na visão do autor, jardim é o espaço frontal de uso paisagístico – descrição semelhante à dos escritos de Ranieri e Zanirato (2021), que citam o jardim enquanto porção de terra ornamental.

As funções empregadas ao quintal são os indicativos dos saberes que circulam entre esses espaços e neles. Os exercícios mais aplicados nos quintais foram: atividades de plantio de ervas medicinais, plantas alimentícias e subsídio financeiro, tendo destaque o uso para a cura de enfermidades. Freitas *et al.* (2015) revelam que o homem utiliza como possibilidade terapêutica plantas muitas vezes vindas da sua própria cultura. Esse fator faz com que cada sociedade ou comunidade estabeleça seu conjunto de crenças, classificação e métodos para curar suas próprias enfermidades.

Enquanto espaço de subsistência alimentar, os resultados das pesquisas apontam que a função principal do uso das terras dos quintais é o plantio de plantas alimentícias, o que indica que as práticas de horta e roça ainda

sobrevivem mesmo com a crescente modernização. Paixão (2018) salienta que a presença de quintais nos espaços urbanos se mostra como uma possível solução ao aumento expressivo de perturbações socioambientais. Entre seus benefícios, estão: segurança alimentar, maior autonomia econômica, relação homem/natureza, retroalimentação do solo, abrigo de fauna de pequeno porte, neutralização de carbono e manutenção do microclima. Ou seja, as riquezas propostas pelos quintais podem ser aproveitadas não só por quem o tem, mas como um serviço para o bem coletivo.

Um dos eixos de pesquisa desta investigação era levantar obras que tratassem dos quintais afro-brasileiros ou que relatassem a importância desses povos nos estudos sobre patrimônio cultural, o que não aconteceu. Ainda que a contribuição das populações indígenas e negras seja de antes mesmo da colonização do Brasil, as discussões dos estudos levantados não fizeram alusão a essas atuações – quando houve alusão, fizeram-na de maneira bem rasa, uma vez que não era esse seu objeto de estudo. Em decorrência disso, faz-se necessário contextualizar brevemente o leitor a respeito da cooperação dessas comunidades para a cultura brasileira, sobretudo nas atividades vistas e empregues nos espaços dos quintais.

Até o fim dos oitocentos, os doutores da medicina não tinham conquistado relevância na sociedade quanto às suas competências de cura. Nesse período, por diversas razões, as ciências médicas não tinham grande prestígio. Não à toa os letrados, as camadas mais altas da sociedade, recorriam aos chamados mezinheiros e/ou curandeiros. A luta pelo reconhecimento social dos médicos pela sociedade estava travada em preceitos culturais e em um novo cenário que estava sendo gradualmente imposto. As práticas terapêuticas cultuadas pela sociedade, aplicadas sobretudo pelos curandeiros/mezinheiros, eram vistas com muito respeito e cuidado, e a população não demonstrava nenhuma disposição em abandonar essas tradições somente porque alguns homens da ciência assim o desejavam (SOARES, 2001).

Nesse contexto histórico, no imaginário popular, as doenças possuíam natureza sobre-humana, curadas apenas com mezinhas apropriadas, conhecimentos que determinadas populações detinham, conforme aponta Soares (2001, p. 422): “Ora, índios, africanos e portugueses das camadas populares, assim como alguns membros das elites, sempre haviam, em suas regiões de origem, recorrido às mezinhas e ao mundo dos mortos para curar suas enfermidades muito antes de se cogitar a colonização do Brasil”.

Esses conhecimentos eram adquiridos por meio do intercâmbio das culturas. Quando da chegada dos negros às terras brasileiras, estes passaram a buscar no reino mineral, na flora e na fauna virtudes terapêuticas que enriquecessem e compusessem suas mezinhas. Com novas formulações e inúmeras adaptações, todas de iniciativa própria, sobretudo apoiadas nas experiências acumuladas pelo cotidiano, as mezinhas, resultado das tradições indígenas, ibéricas e africanas, se constituíam em práticas bastante comuns no Brasil (SOARES, 2001).

Das obras selecionadas, apenas duas fizeram menção à participação dos povos negros e indígenas nos espaços dos quintais. Em dissertação sobre a policultura em um município do Rio de Janeiro, Stroligo (2016) aponta que os quintais produtivos, predominantemente da agricultura policultural, apresentam traços de fazeres agrícolas da miscigenação de culturas entre os colonos e os afrodescendentes. No contexto colonial, os quintais faziam parte de boa parte das casas brasileiras que carregavam características trazidas pelos portugueses e influências indígenas e africanas, aplicadas tanto nas residências urbanas como nas moradas rurais (DOURADO, 2004).

Kumar e Nair (1992 *apud* PAIXÃO, 2018) veem o jardim como espaço utilizado pelos escravos para cultivo de plantas e vegetais como sustento de vida, além de ser considerado o único lugar em que as famílias podiam se sentir independentes e ter conforto espiritual. Ainda no contexto do período escravocrata, os moradores da corte imperial do Rio de Janeiro, por exemplo,

eram constantemente providos de ervas distribuídas pelas negras de tabuleiro, ou então que as mantinham plantadas nos seus próprios quintais (SOARES, 2001). Nesse sentido, o espaço servia de refúgio (espiritual) para os escravizados e de assistência para os seus senhores.

Os traços africanos estão presentes em muitas práticas culturais que hoje se tornaram afro-brasileiras. A religião, as artes, a gastronomia e as ciências são ricas dessas contribuições, ainda que agregadas na cultura brasileira em um contexto de histórias de resistência cultural, discriminação étnico-racial e despojo social e político. Essa prática corriqueira de centralizar a construção da formação social do Brasil às custas do protagonismo europeu e, excluir a participação dos povos negros, é constante e corriqueira. Nas literaturas o negro sempre recebe notoriedade quanto às vivências enquanto escravizado, marginalizado e em condições degradantes (ANDRADE; KISHIMOTO, 2017). Essa experiência exclui voluntariamente o modo de pensar e viver dos negros livres no Brasil, quilombolas ou não, que não foram abordados de forma respeitosa nem aparente e, quando mencionados, foram reconhecidos com o olhar propriamente hegemônico e eurocêntrico. Esses apagamentos são citados e colocados à tona por negros que passaram a lutar de forma assídua, a partir do século XX, por seu lugar de fala e escrita (ANDRADE; KISHIMOTO, 2017). Essas histórias, vivências e feitos devem ser mantidos e valorados mediante políticas de reconhecimento e valorização da cultura afro-brasileira (SILVA, 2019).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os marcos históricos apontam para a existência dos quintais já no período colonial. As áreas destinadas a esse espaço normalmente eram a parte mais extensa do terreno, localizada ao fundo das residências, e seu uso tinha finalidades diversas – encontros, festas, plantio, refúgio, movimentos religiosos,

embelezamento. Alguns dos tratados e leis formularam novas configurações quanto à acomodação destinada a essas porções de terra. Ainda no período imperial, a Lei de Terras<sup>2</sup> beneficiou as altas camadas da sociedade, restringindo o acesso à terra. A mudança dificultou o uso dos quintais aos povos que mais usavam esse espaço para sua subsistência, a classe pobre, no entanto a continuidade das práticas agrícolas urbanas desenvolvidas nos quintais marcou a resistências dos saberes tradicionais e a luta das populações negras pela preservação da sua cultura e pela soberania alimentar.

As dinâmicas conferidas ao quintal possibilitam o seu reconhecimento como um patrimônio cultural brasileiro, mesmo que ainda sem o registro oficial por parte do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). É nos quintais que as memórias, as vivências, os saberes e as práticas de diferentes povos se configuram enquanto patrimônio imaterial dessas populações, de maneira especial da comunidade negra e dos indígenas (DOURADO, 2004). Antes da ciência da medicina alcançar prestígio social, os conhecimentos dos mezinheiros/curandeiros, sobretudo quanto ao uso das ervas medicinais, eram o principal e respeitado recurso em que a sociedade se apoiava para a cura das suas enfermidades. Muitos desses conhecimentos eram de negros e mulatos escravizados, que trouxeram consigo saberes sobre os usos das mais diversas plantas. Tanto a alta sociedade quanto as camadas mais pobres se beneficiaram desses conhecimentos, fato que propiciou o uso, a difusão e o reconhecimento dos saberes medicinais populares por parte da população brasileira (COSTA, 1983).

Esses e tantos outros conhecimentos que circulam nos quintais, reconhecidos como saberes tradicionais, foram a temática mais citada nas obras.

---

<sup>2</sup> A Lei nº 601, sancionada em setembro de 1850, determinava que as terras devolutas somente poderiam ser adquiridas por compra. De forma estratégica, ela foi aprovada 14 dias após o fim do tráfico de escravizados africanos. Como destaca José de Souza Martins (1979, p. 9), a “Lei de Terras instituiu um novo regime de propriedade em que a condição de proprietário não dependia apenas da condição de homem livre, mas também de pecúlio para a compra da terra”.

Os autores mencionam a preocupação no que tange ao desaparecimento desses saberes, considerados ricos acervos e que estão em vias de extinção, e as causas desse movimento estão relacionadas a diversos fatores, como: desinteresse das gerações, falta de processos de ensino/aprendizagem entre os detentores desse conhecimento e as novas gerações, políticas públicas efetivas que assegurem a manutenção e a conservação desses saberes. Ainda que existam leis que assegurem a proteção parcial desses saberes, há muito que ser feito, sobretudo para que práticas culturais de viés homogeneizante não eliminem as evidências da participação de povos que contribuíram com a cultura brasileira e a construíram.

Outra discussão proposta nos estudos foi a diminuição dos quintais nos espaços urbanizados. Ainda que (re)existindo diante da frenética urbanização e globalização, os quintais têm se mostrado como um importante recurso às experiências sustentáveis. Manter esses espaços vivos nos locais de grande urbanização é benéfico em muitos sentidos: segurança alimentar, maior autonomia econômica, relação homem/natureza, retroalimentação do solo, abrigo de fauna de pequeno porte, neutralização de carbono e manutenção do microclima. Ou seja, as riquezas propostas pelos quintais podem ser aproveitadas não só por quem o tem, mas como um serviço para o bem coletivo. A crescente urbanização somada às novas estruturas arquitetônicas com características de verticalização é uma das causas da diminuição dos quintais nos centros urbanos. Mesmo que (re)existindo, esses espaços estão se configurando de novos modos, arranjos e tradições. A existência deles afirma a resistência contra esse modelo estruturado da atual globalização, que gradativamente sobrepõe as paisagens e os espaços vivos das cidades.

## REFERÊNCIAS

ALMADA, Emmanuel Duarte; SOUZA, Mariana Oliveira e. Quintais como patrimônio biocultural. *In*: ALMADA, Emmanuel Duarte; SOUZA, Mariana Oliveira e (Org.). **Quintais: memória, resistência e patrimônio biocultural**. Belo Horizonte: Universidade do Estado de Minas Gerais, 2017. p. 11-193.

ALMEIDA, Mara Zélia de. **Plantas medicinais**. 3. ed. Salvador: EDUFBA, 2011. 224 p.

ANDRADE, Anna Maria de Castro; KISHIMOTO, Alexandre e (org.). **Dossiê sistema agrícola tradicional quilombola do vale do Ribeira – SP**. Eldorado: Instituto Socioambiental, 2017. p. 1-105.

AZEVEDO, Jorge Baptista de. Quintais e paisagens culturais. *In*: TERRA, Carlos; ANDRADE, Rubens de (Org.). **Paisagens culturais**. 4. ed. Rio de Janeiro: Rio Books, 2014. p. 11-76.

BERTOLDI, Marcia Rodrigues; SPOSATO, Karyna Batista. Instrumentos de proteção dos conhecimentos tradicionais associados à biodiversidade. **Revista de Direitos Fundamentais e Democracia**, Curitiba, v. 12, n. 12, p. 75-93, dez. 2012.

BOSCOLO, Odara Horta; ROCHA, Joyce Alves. Saberes tradicionais e a segurança alimentar: saberes tradicionais: um valor diferencial. *In*: SANTOS, Marcelo Guerra; QUINTEIRO, Mariana (Org.). **Saberes tradicionais e locais: reflexões etnobiológicas**. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018. p. 1-191.

BRAILOVSKY, Antonio Elio; FOGUELMAN, Dina. **Memoria verde: historia ecológica de la Argentina**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana S.A., 1991.

BRASIL. **Guia para utilização rápida do portal de periódicos da Capes**. Brasil: Periódicos Capes, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/inpe/pt-br/area-conhecimento/biblioteca/repositorio-de-arquivos/guia-rapido-do-novo-portal-de-periodicosv2.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2022.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Convenção sobre Diversidade Biológica 2**. Biodiversidade. Brasil, 2000. Disponível em: <https://www.gov.br/mma/pt-br/textoconvenoportugus.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2022.

CARNEY, Judith; ACEVEDO, Rosa. Plantas de la diáspora africana en la agricultura del Brasil. **Transversos**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 9-34, ago. 2017.

CHAGAS, Mário. Casas e portas da memória e do patrimônio. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 207-224, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/2980>. Acesso em: 26 out. 2022.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

CUNHA JÚNIOR, Henrique; SOUZA, Luiza Maria de; SOUZA, Márcia Aparecida de. Quintal de Dona Luiza Souza como parte da inserção da população negra na cidade.

**Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros**, Guarulhos, v. 12, n. 34, p. 238-259, nov. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.31418/2177-2770.2020.v12.n.34.p238-259>. Acesso em: 31 out. 2022.

DOURADO, Guilherme Mazza. Vegetação e quintais da casa brasileira. **Paisagem Ambiente: Ensaios**, São Paulo, n. 19, p. 83-101, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/paam/issue/view/3331/957>. Acesso em: 18 jul. 2022.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 79, p. 257-272, ago. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/vPsyhSBW4xJT48FfrdCtqfp/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 14 jul. 2022.

FREITAS, A. V. L. *et al.* Diversidade e usos de plantas medicinais nos quintais da comunidade de São João da Várzea em Mossoró, RN. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 17, n. 42, p. 845-856, 2015. Disponível em: [https://doi.org/10.1590/1983-084x/14\\_080](https://doi.org/10.1590/1983-084x/14_080). Acesso em: 26 out. 2022.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano. São Paulo: Global, 2003.

GUARIM NETO, Germano; CAMPOS, Eini Tavares de. A flora de quintais de residências da área Central de Sinop, Mato Grosso, Brasil. In: ALMADA, Emmanuel Duarte; SOUZA, Mariana Oliveira e (Org.). **Quintais**: memória, resistência e patrimônio biocultural. Belo Horizonte: Universidade do Estado de Minas Gerais, 2017. p. 11-193.

MARTINS, José de Souza. **O cativoiro da terra**. São Paulo: Lech, 1979.

NEHME, Marcelo *et al.* Hortas e quintais como patrimônio cultural para a conservação de patrimônio ambiental. In: CONGRESSO NACIONAL DE MEIO AMBIENTE, 17., 2020, Poços de Caldas. **Anais [...]**. Poços de Caldas: GSC Eventos Especiais, 2020. p. 1-5.

PAIXÃO, Gabriella Marques Leite. **Memórias resistentes nos quintais quilombolas de Pilar do Sul**. 2018. 118f. Dissertação (Mestrado em Sustentabilidade na Gestão Ambiental) – Universidade Federal São Carlos, Sorocaba, 2018.

PELEGRINI, Sandra C. A. Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 26, n. 51, p. 115-140, jun. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0102-01882006000100007>. Acesso em: 31 out. 2022.

RANIERI, Guilherme Reis; ZANIRATO, Silvia Helena. Comidas da horta e do mato: plantas alimentícias em quintais urbanos no vale do Paraíba. **Estudos Avançados**, v. 35, n. 101, p. 269-286, abr. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2021.35101.017>. Acesso em: Acesso em: 02 nov. 2022.

RANIERI, Guilherme Reis; ZANIRATO, Silvia Helena. Conhecimento etnobotânico como patrimônio: os quintais urbanos nas pequenas cidades do vale histórico paulista. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, v. 49, n. 2, p. 183-199, 30 dez. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5380/dma.v49i0.58220>. Acesso em: 15 out. 2022.

REIS, Wanderlene Cardozo F. O quintal e suas múltiplas funções na configuração urbana. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DINÂMICA TERRITORIAL E DESENVOLVIMENTO SOCIOAMBIENTAL: “TERRAS EM TRANSE”, 7., 2015, Salvador. **Anais** [...]. Salvador: Universidade Católica do Salvador, 2015. p. 1-17. Disponível em: <https://noosfero.ucsal.br/articles/0009/2536/o-quintal-e-suas-m-ltiplas-fun-es-na-configura-o-urbana-wanderlene-cardozo-ferreira-reis.pdf>. Acesso em: 4 jul. 2022.

ROSSETTO, Gislaíne A. R. da Silva *et al.* Desafios dos estudos “estado da arte”: estratégias de pesquisa na pós-graduação. **Educação: Saberes e Práticas**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 1-15, 2013. Disponível em: <http://revistas.icesp.br/index.php/SaberesPratica/issue/view/38>. Acesso em: 31 jun. 2022.

SANTOS, Edvaldo Amaro dos; ANDRADE, Laise de Holanda Cavalcanti. Conhecimento etnobotânico de moradores do sítio histórico de Olinda, patrimônio natural e cultural da humanidade. **Rodriguésia**, Rio de Janeiro, v. 71, p. 1-14, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rod/a/YW9SkvGYtD8jLwfLGbypnL/?lang=pt>. Acesso em: 18 jul. 2022.

SANTOS, Marcio Antonio Raiol dos *et al.* Estado da arte: aspectos históricos e fundamentos teórico-metodológicos. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 8, n. 17, p. 202-220, 1º out. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.33361/rpq.2020.v.8.n.17.215>. Acessado em: 31 out. 2022.

SILVA, Luís Octávio da. Os quintais e a morada brasileira. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, Belo Horizonte, v. 11, n. 12, p. 61-78, dez. 2004.

SILVA, Sueli de Castro. **Conhecimento etnobotânico de moradores da comunidade quilombola Itaboca, município de Inhangapi, estado do Pará**. 2019. 65f. Dissertação (Mestrado em Estudos Antrópicos na Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Castanhal, 2019.

SOARES, Márcio de Sousa. Médicos e mezinheiros na Corte Imperial: uma herança colonial. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 407-438, ago. 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0104-59702001000300006>. Acesso em: 05 nov.2022.

STROLIGO, Conrado Chermut. **Policultura no município de Nova Friburgo, RJ: processo de evolução e relações sociedade-natureza**. 2016. 134f. Dissertação (Mestrado

em Geografia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500–1800). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TROTTA, Juliana *et al.* Análise do conhecimento e uso popular de plantas de quintais urbanos no estado de São Paulo, Brasil. **Revista de Estudos Ambientais**, v. 14, n. 3, p. 17-34, nov. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.7867/1983-1501.2012v14n3p17-34>. Acesso em: 31 out. 2022.

#### AGRADECIMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.



[www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br)

**RECEBIDO EM: 08/11/2022**

**PARECER DADO EM: 26/01/2023**